

ENTRE O AMARELO E O AZUL: A HISTÓRIA DE UM PERCURSO

Suzy Lagazzi*
UNICAMP

Resumo: *Este texto apresenta um percurso discursivo de análise que toma como ponto de ancoragem a “composição material”, trabalhada na relação entre a capa e os contos do livro No seu pescoço, de Chimamanda Ngozi Adichie. Retomando conceitos fundantes de Michel Pêcheux, o percurso aqui apresentado vai delineando relações teórico-analíticas que mostram a potência do dispositivo de leitura concebido pelo autor, em seus desdobramentos propostos por Eni Orlandi. Ressaltando o primado do gesto de descrição, vou procedendo à deslinearização discursiva na “imbricação das diferentes materialidades significantes” e chego ao funcionamento da “resistência simbólica”, marcada em contrastes diversos por meio dos elementos significantes materialmente distintos.*

Abstract: *This text presents a discursive path of analysis that makes the “material composition” its anchor point, worked out through the relation between the cover and the tales of the book The thing around your neck (No seu pescoço – in the Brazilian edition), by Chimamanda Ngozi Adichie. Returning to Michel Pêcheux's founding concepts, the path presented here delineates theoretical-analytical relations that show the power of the reading device conceived by the author, in its developments proposed by Eni Orlandi. Highlighting the primacy of the gesture of description, I proceed to discursive deslinearization in the “imbrication of the different significant materialities”, thus reaching the functioning of the “symbolic resistance”, marked in different contrasts through the materially distinct significant elements.*

1. “A poesia não é o domingo do pensamento”¹



Completamente tomada pela escrita de Chimamanda Ngozi Adichie, olho para a capa do livro que me prende há alguns dias: o amarelo, num tom muito vivo, recobre todo o fundo e faz saltar em preto o perfil de uma mulher, que se desenha com a mesma força e sutileza trazidas pela narrativa de Adichie. Rosto, pescoço, nuca e costas ficam delimitados pela fronteira entre o preto, completamente opaco, e o amarelo. Uma estampa tribal tece o contorno dos ombros e marca o início de um decote que deixa à mostra parte das costas. Longas e finas tranças azuis turquesa se destacam e emolduram a cabeça, num caimento denso e um tanto irreverente, que deixa à mostra nuca e pescoço. O jogo das cores na disposição da capa dá foco à negritude, iluminada pelo amarelo e adornada pelo turquesa. Uma negritude que se desenha mulher, um feminino que canaliza a interpretação. O título, *No seu pescoço*, em preto e em caixa alta, está em destaque logo acima da cabeça, (re)direcionando nosso olhar, que se volta para o pescoço desenhado entre o turquesa das tranças. Com letras desiguais, que misturam maiúsculas e minúsculas em traços de pincel, o título lembra uma escrita à mão, um registro momentâneo, que parece compactuar com o indefinido do seu enunciado. O título desarranja o nosso olhar e aguça a nossa escuta, estabelecendo com a mulher em negro uma interlocução. A que nos remete este título? Aonde nos levará *No seu pescoço*?



Esta capa² traz uma composição aguda, que me arrastou para dentro do livro. A mesma estampa tribal recobre toda a segunda capa, reafirmando uma identidade (outra) que será dada a conhecer nos contos. Mais uma vez meu olhar é fisgado. A repetição ampliada do desenho tribal se impõe. Meu olhar ancora minha escuta. O encantamento fica por conta da maestria dos contos desta nigeriana que sabe a que veio:

“Ela escutará a rádio BBC e ouvirá os relatos das mortes e da onda de violência – “um conflito étnico com matizes religiosos”, dirá a voz. E jogará o rádio na parede, e uma fúria rubra irá percorrer seu corpo, pois tudo foi embrulhado, desinfetado e diminuído para caber em tão poucas palavras, todos aqueles corpos.” (ADICHIE, 2017, p.61. Do conto *Uma experiência privada*).

Capas e contos se compõem em uma leitura que vai sendo tecida em muitos contrastes: o preto, o amarelo e o azul, o traçado das letras, o desenho do corpo, a estampa tribal, igbos e hausas, cristãos e muçulmanos, nigerianos, ingleses e americanos, ricos e pobres, as línguas nativas e a língua de colonização, as tradições locais e as

imposições estrangeiras, os “nossos” costumes e as “nossas” comidas, que não são os costumes e as comidas “deles”.

Na Nigéria, ela teria usado inhame para fazer a sopa *ji akwukwo*, mas, ali, quase não se encontra inhame na loja de produtos africanos – inhame de verdade, não as batatas fibrosas que os supermercados americanos chamam de inhame. Uma réplica de inhame, pensa Nkem, e sorri. (ADICHIE, 2017, p.40. Do conto *Réplica*).

A diferença está presente em toda a narrativa de Adichie, na forma de contrastes contundentes, estranhamentos, comparações irônicas. Diferentes formas de a alteridade nos demandar. Idas e vindas que falam do eu no outro, no emaranhado de um social que não poupa consequências.

2. Diferença, deriva, alteridade

Ressalto aqui o “princípio da dupla diferença”, formulado por Michel Pêcheux (1990, p. 148-150) e retomado por Eni Orlandi em seu convite para esta proposta de celebração dos 50 anos da publicação do livro *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. Um princípio potente e uma retomada sensível. A “dupla diferença” toma como foco o que está dito, no modo da sua formulação, para compreender como se marca no intradiscurso o processo discursivo dominante em análise, e ao mesmo tempo pergunta por aquilo que não está dito e que não poderia estar, dadas as condições de produção determinantes desse processo. Trata-se de pensar, na relação com o intradiscurso, o interdiscurso e o trabalho da memória. Nas palavras de Pêcheux (idem, p.150), “[...] o emprego do ‘princípio da dupla diferença’ deve permitir, ao mesmo tempo, definir o processo discursivo dominante e as ausências específicas que ele contém, em relação a outros processos, ao responder a outras condições de produção discursivas”. Nas palavras de Orlandi (1999, p.34), “Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária”.

O princípio da dupla diferença traz para a prática de leitura o exercício com a alteridade na relação com os sentidos: as derivas possíveis e as não possíveis, as fronteiras interpretativas que as diferentes posições-sujeito vão construindo. Nesse trabalho com a diferença, “o exercício parafrástico vem atualizar o efeito metafórico” (LAGAZZI, 2014). Esta elaboração vem na mesma direção do que afirmou Orlandi (1999), quando ressaltou que o analista “deve lançar mão da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem a operacionalização dos conceitos”, e que “ao longo de todo o procedimento analítico, ao lado do mecanismo parafrástico, cabe ao analista observar o que chamamos efeitos metafóricos”.

Pêcheux especifica, no texto de 1969, que o efeito metafórico “é esta repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas”. É o que caracteriza, aos olhos do autor, “o mecanismo de um processo de produção” (PÊCHEUX, 1990, p.97). Portanto, para compreender o processo de produção dominante dos sentidos, é importante que o analista se dê conta dos limites dessa repetição do idêntico por meio do diverso. Quais as derivas possíveis? Quando uma deriva estará apontando para outro processo discursivo? É justamente o trabalho do analista com a reformulação, no intradiscurso, considerando as condições de produção desse discurso, o que vai permitir a delimitação das famílias parafrásticas, para que o dizível a partir de uma posição-sujeito possa ser estabelecido frente ao não-dizível nessa mesma posição. Buscar as fronteiras entre as diferentes formações discursivas, entre as posições-sujeito faladas e que dão suporte a esse processo de produção de sentidos, é o trabalho do analista de discurso. Voltando a Pêcheux, a questão é “definir o processo discursivo dominante e as ausências específicas que ele contém, em relação a outros processos” (idem, p.150). É sempre na relação a outros significantes e a outros significados que o discurso pode ser compreendido, que a interpretação pode ser analisada.

Pêcheux nos fez compreender a importância da perspectiva relacional. Juntamente com Gadet (GADET; PÊCHEUX, 2004), em sua discussão sobre o lugar capital da noção de valor na obra de Saussure, Pêcheux retoma Benveniste para mostrar que foi este autor quem restituiu ao valor sua função primordial na descoberta saussuriana.

É em “Natureza do signo linguístico” que Benveniste questiona “o primado do arbitrário” na proposta de Saussure, insistindo que o caráter arbitrário absoluto diz respeito à significação entre o signo (significante/significado) e a realidade (substância), e à reflexão linguística cabe o “estudo da relação significante/significado como efeito do arbitrário relativo, o estudo do signo não em seu isolamento, mas na relação com outros signos”. “Dizer que os valores são ‘relativos’ significa que eles são relativos uns em relação aos outros” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.57). Não se trata apenas da dicotomia motivado ou imotivado, mas do caráter “relativamente motivado”, que estabelecendo a relação de um signo com outro signo, nos coloca no terreno da linguística. O valor, que segundo Saussure, define que um signo vale por aquilo que todos os outros não valem, “ao mesmo tempo sustenta e limita o arbitrário”: um signo será reconhecido como “relativamente motivado” sempre dentro de uma série, na relação com os outros signos dessa série (“macieira é um signo relativamente motivado em relação à maçã, numa série, e à cerejeira, numa outra série”).

Colocar a noção de valor como peça essencial do edifício [saussuriano] equivale a conceber a língua como rede de “diferenças sem termo positivo”, o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade; conceber o não dito, o efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma [...] (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.58).

É com a noção de valor que nossa escuta e nosso olhar se abrem em derivas possíveis e o processo de associação toma corpo no movimento analítico. Na tensão entre o mesmo e o diferente, o exercício parafrástico vai dando visibilidade ao analista de como o processo discursivo dominante se reafirma em distintas formulações, delimitando as fronteiras desse dizer, sempre afetado pela possibilidade do alhures, do que pode vir a ser. A parafrase se localiza na tensão contraditória entre identidade e alteridade. A substituição de um termo por outro, na busca por manter o que é similar, abre a possibilidade para novos encadeamentos. O exercício parafrástico nos leva, pela similitude, à deriva. As sucessivas substituições vão

atualizando as associações possíveis no contraponto com associações que configuram outras famílias parafrásticas, outras posições-sujeito. Um jogo entre significados e significantes, entre limites e fronteiras.

3. No jogo das diferentes materialidades

O mesmo no diferente. O mesmo se marcando na materialidade por diferentes relações significantes. Nesse movimento analítico, o trabalho com a “imbricação material” me apresentou um desafio importante. Compreender a “repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas” em materiais constituídos por diferentes materialidades significantes trouxe demandas que exigiram alguns refinamentos teórico-analíticos.

Em primeiro lugar, a noção de “materialidade significativa” (ORLANDI, 1995; LAGAZZI, 2009) veio enfatizar a perspectiva materialista e o trabalho simbólico sobre o significante. Na correlação entre língua e história, passei a mobilizar a relação entre materialidade significativa e história, entendendo a linguagem como abarcando diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas: verbal, visual, gestual, corporal, sonora, musical, olfativa...

Dar ênfase ao trabalho simbólico em diferentes formulações significantes foi fundamental. Na perspectiva materialista, sabemos que conceber o sentido como efeito significa trabalhar com o primado do significante, compreendendo, a partir da leitura de Lacan, o sentido como efeito produzido na cadeia significativa, com o significado deslizando sob o significante (DUCROT; TODOROV, 1982). Dar o primado ao significante é atribuir às relações associativas pelo eixo significante um estatuto primordial na produção da linguagem. Gadet e Pêcheux (2004) ressaltaram este ponto, lembrando que “a pura e simples homonímia” (idem, p.59), “a pura homofonia no nível do significante” (idem, p.61) dá possibilidade ao jogo, à confusão entre as palavras, ao absurdo, ao sem sentido, e

dá abertura, na obra de Saussure, à formulação da questão da língua, sem que o horizonte da alíngua³ seja imediatamente foracluído. O espaço do valor é o de um sistêmico capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.59).

Essa imprevisibilidade na relação significante, abertura que subverte a ordem, implode o sistema, desorganiza a escuta e movimenta a deriva, é fundamental para o trabalho analítico discursivo, principalmente quando buscamos a repetição do idêntico em formas necessariamente diversas e em materialidades também diversas. Como se relacionam discursivamente as diferentes materialidades significantes entre si? Como localizar marcas materialmente diversas de um mesmo processo discursivo?

Para avançar nessas questões, as noções de “imbricação material” e “composição material” (LAGAZZI, 2009) me permitiram dar consequência ao dispositivo analítico discursivo materialista em sua potência descritiva. Tanto o termo ‘imbricação’ quanto o termo ‘composição’ reiteram que não se trata de buscar complementaridade entre as diversas materialidades, mas de considerar, a partir da pergunta de análise, os diferentes modos de estruturação do material em sua imbricação, com a especificidade desse conjunto formado, relacionando uma materialidade às outras pela contradição, o que significa fazer trabalhar a incompletude que as constitui, e que permite o movimento de substituições e encadeamentos, no contraponto do conjunto. “Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda” (idem, p.68).

Como um mesmo funcionamento discursivo vai se marcar no verbal, no sonoro, no visual, no gestual, no corporal? Esta pergunta foi orientando minha escuta nas análises realizadas em filmes e documentários⁴. Ressalto que a noção de recorte, proposta por Orlandi (1984), foi fundamental para que essa diferença entre composição e complementaridade fizesse sentido analiticamente. Do mesmo modo que o recorte traz o investimento processual do analista sobre o material, também a composição demanda esse olhar processual, sempre buscando o contraponto no conjunto.

Retomo minha afirmação de que a capa do livro *No seu pescoço* apresenta uma “composição aguda”. A captura do meu olhar por essa composição, especialmente pelo vibrante do amarelo e do azul em contraste com o preto, constituiu, nessa leitura, o primeiro momento em que o exercício parafrástico fez movimento em minha memória de leitura e na memória do dizer: o título *Meio Sol Amarelo*, de um dos

romances de Adichie, imediatamente se fez presente. A capa vermelha com o desenho do meio sol amarelo no canto superior e embaixo o perfil de uma mulher negra com uma faixa de estampa tribal em verde prendendo os cabelos fez eco. Uma capa tão marcante quanto a capa do livro *No seu pescoço*, com vários pontos de convergência entre elas. Todos os sentidos de resistência, luta e busca de liberdade que o amarelo do sol nascente evoca na história de Biafra e da Nigéria vieram à tona. A capa de *No seu pescoço* me impactou fortemente pela densidade dos sentidos reunidos no amarelo, que projetaram expectativas e produziram antecipações sobre o que o livro traria.

Afirmo também que “capas e contos se compõem em uma leitura que vai sendo tecida em muitos contrastes”, por meio de elementos muito distintos: as cores, as letras, o corpo, a estampa tribal, as etnias, as religiões, as nacionalidades, as classes, as línguas, as tradições, os costumes, as comidas. As diferentes marcas que mostram os contrastes em funcionamento se articulam e se demandam num movimento de constantes retornos.

Eu disse que a imagem da capa me arrebatou e me arrastou pra dentro do livro, e ressalto que essa imagem foi sendo reatualizada em cada uma das protagonistas com as quais fui me envolvendo em cada conto: a irmã de Nnamabia, em *A cela um*; Nkem e Amaechi, em *Réplica*; Chika e a mulher hausa, em *Uma experiência privada*; Ebere, em *Fantasmas*; Kamara, em *Na segunda-feira da semana passada*; Ujunwa e Chioma, em *Jumping Monkey Hill*; Akunna, em *No seu pescoço*; a mãe de Ugonna, em *A embaixada americana*; Ukamaka, em *O tremor*; Chinaza, em *Os casamenteiros*; a irmã de Nonso, em *Amanhã é tarde demais*; Nwamgba e Afamefunu, em *A historiadora obstinada*. Nomes que me estranham, difíceis de serem pronunciados por uma falante de português, nomes que trouxeram em uma nova língua o desconhecido. Nomes que narram diferentes conflitos em relações colonizadoras coercitivas e tão nossas conhecidas, nomes que nos falam de uma sociedade muito desigual e hierarquizada, marcada por extremos no que concerne ao poder econômico e ao poder dos homens sobre as mulheres, nomes que nos dão a conhecer costumes, tradições, comidas e gostos nigerianos e africanos, nomes pelos quais os contrastes circulam nos contos. Esses nomes ficam em realce, mesmo quando ausentes, ressaltados na constante menção aos outros nomes, o não-dito se fazendo notar pela repetição do dito, como é o

caso da irmã de Nnamabia, da “mulher hausa”, da “mãe de Ugonna”, da irmã de Nonso:

“Eu sou a mãe de Ugonna”, dizia ela na creche, para os professores, para os pais das outras crianças. No enterro dele em Umunnachi, como suas amigas e parentes estavam usando vestidos da mesma estampa que ela, alguém perguntara “Qual delas é a mãe?”. Ela erguera a cabeça, alerta por um instante, e dissera “Eu sou a mãe de Ugonna” (ADICHIE, 2009, p.152. Do conto *A embaixada americana*).

Ser nomeada como a “mãe de Ugonna”, ser significada pelo laço materno que a constitui, atesta a dor da perda do filho justamente pela falta que passou a marcar sua vida. O não-dito realçado pelo dito, na força da sua eloquência.

Realce e contraste se imbricam nos efeitos produzidos em *No seu pescoço*. Na primeira capa, o tom vibrante do amarelo e do azul realça o contraste com o preto; a estampa tribal que na primeira capa envolve os ombros, ao ser reimpressa nas segunda e terceira capas realça o contraste entre a identidade que se enuncia pelo desenho da figura feminina e que vai se reatualizando nas protagonistas dos contos.

São mulheres que protagonizam a negritude, a africanidade e o feminino numa narrativa que vai sendo materializada em cada uma das histórias contadas por Adichie, num jogo de vozes que contrastam em realce e ressaltam um imaginário heterogêneo, que movimenta a memória discursiva no desconhecido.

‘Negritude’, ‘africanidade’ e ‘feminino’ são termos que me fazem voltar à diferença. A equivocidade presente em cada um desses termos produz um alerta: é mesmo possível determiná-los pelo artigo definido? Quando falamos de ‘negritude’, ‘africanidade’ e ‘feminino’, do que falamos?

No conto *Jumping Monkey Hill*, Adichie nos confronta com a diversidade, emaranhando negritude, africanidade e feminino:

[...] Ujunwa ficou sentada na cama um instante e então se levantou para desfazer a mala, olhando pela janela de tempos em tempos para ver se havia algum macaco à espreita nas copas das árvores.

Não havia nenhum, infelizmente, disse Edward para os participantes mais tarde, quando eles estavam almoçando no terraço à sombra de guarda-sóis cor-de-rosa, com as mesas empurradas para perto da grade, de modo a ver o mar turquesa. Ele apontou para cada pessoa e fez as apresentações. A sul-africana branca era de Durban, mas o sul-africano negro vinha de Johannesburgo. O tanzaniano era de Arusha, o ugandês de Entebbe, a zimbabuense de Bulawayo, o queniano de Nairóbi e a senegalesa que, aos vinte e três anos, era a mais jovem ali, viera de Paris, onde fazia faculdade.

Edward apresentou Ujunwa por último: “Ujunwa Ogundu é nossa participante nigeriana e ela mora em Lagos”. Ujunwa olhou ao redor da mesa e imaginou com quem se daria bem. A senegalesa era a mais promissora, com um brilho irreverente nos olhos, seu sotaque francófono e os fios prateados nos *dreadlocks* grossos. A zimbabuense tinha *dreadlocks* mais longos e finos, cujos búzios faziam clique-clique quando ela movia a cabeça de um lado para o outro. Parecia elétrica, hiperativa, e Ujunwa achou que talvez gostasse dela como gostava de álcool – em pequenas doses. O queniano e o tanzaniano pareciam normais, quase indistinguíveis – homens altos de testas largas com barbas desgrenhadas e camisas estampadas de manga curta. Ujunwa imaginou que fosse gostar deles daquela maneira indiferente com que se gosta de pessoas que não nos causam nenhum desconforto. Mas não estava certa sobre os sul-africanos: a mulher branca possuía um rosto ansioso demais, sem humor e sem maquiagem, e o homem negro parecia paciente e piedoso, como uma testemunha de Jeová que ia de casa em casa e sorria a cada vez que lhe batiam a porta na cara. Quanto ao ugandês, Ujunwa sentira antipatia por ele desde o aeroporto [...]

Então, Edward falou sobre si mesmo, sobre como a literatura africana era sua causa há quarenta anos, a paixão de uma vida inteira que começara em Oxford. Ele olhava com frequência para o ugandês. O ugandês assentia avidamente [...]

O assoalho de madeira rangia barulhento enquanto os garçons andavam de um lado para o outro, entregando cardápios. Medalhões de avestruz. Salmão defumado. Frango ao molho de

laranja. Edward aconselhou a todos que comessem avestruz. Era simplesmente ma-ra-vi-lho-so. Ujunwa não gostava da ideia de comer avestruz, nem sequer sabia que as pessoas comiam avestruz e, quando disse isso, Edward deu uma risada simpática e disse que é claro que avestruz era um prato típico da África.

[...] conversou com a senegalesa sobre as melhores maneiras de cuidar do cabelo crespo: nunca usar produtos à base de silicone, passar bastante manteiga de karité e só pentear quando estiver molhado. [...]

A fumaça do cachimbo de Edward tomou o cômodo. A senegalesa leu duas páginas de uma cena que se passava num velório, parando com frequência para dar goles de água, com o sotaque ficando mais forte conforme ela se emocionava, cada t soando como um z. No final, todos se voltaram para Edward, até o ugandês, que parecia ter se esquecido de que era o líder do workshop. Edward mastigou o cachimbo, pensativo, antes de dizer que histórias homossexuais daquele tipo não refletiam a África de fato.

“Que África?”, perguntou Ujunwa, num impulso. (ADICHIE, 2009, p.107-117).

Qual seria “a África de fato”? Que essência seria essa que poderia falar por tantos povos, tribos, etnias e nações diferentes? A pergunta de Ujunwa rebate com força a violência do olhar colonizador reafirmado por Edward. E eu volto à pergunta anteriormente lançada, que ressoa na pergunta de Ujunwa: Quando falamos de ‘negritude’, ‘africanidade’ e ‘feminino’, do que falamos? Que imagens essas noções nos trazem? Que memórias essas noções mobilizam?

Pêcheux, em *AAD-69* (1990), insistiu sobre a importância de analisarmos a língua em seu funcionamento, em lugar de nos atermos ao texto e à sua função de exprimir sentido. Este deslocamento da noção de função para a de funcionamento significou um investimento teórico forte contra o subjetivismo decorrente dos estudos textuais, que focavam nas intenções do autor, e abriu a possibilidade de que conceitos exteriores à região da Linguística pudessem intervir nos estudos linguísticos (idem, p.62-73). Pêcheux defendia a impossibilidade de se chegar ao funcionamento da língua sem que fossem consideradas as condições de produção do discurso, o que

significava, naquele momento, fazer referência aos “protagonistas” e ao “objeto de discurso” (idem, p.78), trazendo para o dispositivo de leitura os conceitos ‘formações imaginárias’ e ‘antecipação’.

Foi importante, no que concerne ao funcionamento do processo discursivo, Pêcheux discutir o “mecanismo de *colocação* dos protagonistas” para determinar a “série de formações imaginárias” que convergem para designar os diferentes lugares atribuídos a si e ao outro por cada participante do discurso, perguntando pela “imagem” que esse participante faz do “seu próprio lugar e do lugar do outro” na estrutura da formação social (idem, p.82). Para esse “mecanismo”, o autor trouxe a compreensão de que a “representação” dos lugares nos processos discursivos vem atravessada por uma “transformação”, que é resultado de “regras de projeção” que produzem a não-coincidência entre as situações que definem esses lugares e as “posições que ocupam os protagonistas do discurso” (idem, p.83). Nesse jogo de “antecipação” de imagens, o modo pelo qual cada protagonista projeta seu interlocutor vem atravessado pelo “já ouvido” e o “já dito”, “através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (idem, p.85-86).

Esse funcionamento não-coincidente é fundamental para compreendermos “a eficácia material do imaginário”, ressaltada por Pêcheux quando propõe “o exame da relação do sujeito com aquilo que o representa” (PÊCHEUX, 1988, p.125): o sujeito se reconhece tal como se projeta, identificando-se com essa projeção, assim como reconhece o outro tal como o projeta. É importante observar que essas projeções variam dependendo da posição discursiva em que o sujeito se constitui, o que, sabemos, produz sentidos e interpretações divergentes. Os sujeitos transitam discursivamente pelas formações imaginárias, na evidência de que suas projeções são a representação exata do outro e de si. Ao se dizer e ao dizer o outro, o sujeito apaga as condições de produção que determinam sua interpretação, tomado na eficácia de seu imaginário, atravessado pelo já-ouvido e pelo já-dito que constituem a memória para o seu dizer.

Vimos, nos excertos do conto *Jumping Monkey Hill*, a reação de Edward à declaração de Ujunwa, a nigeriana de Lagos, que afirmara que “não gostava da ideia de comer avestruz, nem sequer sabia que as pessoas comiam avestruz”. Edward Campbell, londrino, acadêmico de Oxford, especialista em literatura africana, organizador do Workshop

para Escritores Africanos, deu a todos os participantes um sorriso simpático e condescendente, afirmando: “É claro que avestruz é um prato típico da África”. Ele sabia do que estava falando! As imagens que sustentaram sua certeza e permitiram a afirmação de sua prepotência têm como um de seus pontos de ancoragem na memória do dizer a legitimação do saber do colonizador sobre o saber do colonizado. Estamos diante do funcionamento do pré-construído.

Orlandi (1999, p.49) ressalta que o efeito do “sentido-lá” é um trabalho conjunto da memória e do esquecimento, pois é necessário o apagamento das condições do dizer para que este se torne anônimo e possa ser naturalizado nas suas evidências. Estamos falando do funcionamento da ideologia, em que a evidência dos sentidos, a evidência do sujeito e a evidência do mundo se impõem de maneira inquestionável. O “sentido-lá”, em seu efeito de pré-construído – o “já ouvido” e o “já dito” – sustenta as possibilidades de formulação e reformulação, fornecendo, nas palavras de Pêcheux (1988), “a realidade e seu sentido” (p.162), “fornecendo a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante” (p.167) no espaço complexo, desigual e contraditório do conjunto das formações discursivas, nomeado por Pêcheux como interdiscurso (p.162).

A característica essencial do *pré-construído* é a separação entre o *pensamento* e o *objeto de pensamento*, com a pré-existência deste último marcada pela discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado do seu pensamento, que pré-existe ao sujeito (PÊCHEUX, 1988, p.102).

O pré-construído remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado e articula o sujeito em sua relação com o sentido, caracterizando o que Pêcheux vai denominar intradiscurso, o “fio do discurso” (idem, p.167).

Pêcheux (1999) vai nos mostrando que a memória do dizer se constitui entre “a regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula” e a “‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos implícitos”, entre o “‘mesmo’ da materialidade da palavra” e “o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... [...]”

em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 1999, p.53). O autor ressalta que a memória é um “espaço móvel” de sentidos, em que tem lugar a divisão, a disjunção, o deslocamento, a retomada... (idem, p.56).

Na busca pela compreensão do processo discursivo, é fundamental a remissão do intradiscurso ao interdiscurso. É justamente no fio do discurso que o analista encontrará as marcas que caracterizarão “a repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas”, e somente quando remetidas à memória do dizer, nas relações desiguais e contraditórias que a constituem, por meio de processos de paráfrases que ressaltem a tensão entre o mesmo e o diferente, essas marcas poderão ser compreendidas no funcionamento do discurso em análise. Trata-se de um trabalho de deslinearização discursiva, no qual damos o primado ao gesto de descrição.

Proceder à deslinearização discursiva em materiais constituídos por diferentes materialidades significantes traz a demanda analítica de buscar marcas materialmente diversas para a compreensão do processo discursivo em análise. Neste procedimento, o gesto de descrição precisa dar consequência à noção de composição material, que ao se pautar pela imbricação contraditória das distintas materialidades significantes, traz a necessidade de remeter as diferentes marcas umas às outras, num entrelaçamento de conjunto que encontre as regularidades do funcionamento discursivo. As marcas, pontos de ancoragem do analista para o gesto de descrição, vão orientar o recorte do material nas diferentes materialidades significantes que o constituem, presidindo a remissão do intradiscurso ao interdiscurso, com a consequente intervenção da memória do dizer sobre as formulações recortadas, em suas diversas materialidades.

No “batimento entre descrição e interpretação”, proposto por Pêcheux (1990, p.54), toda formulação, não importa qual seja seu suporte material, “é intrinsecamente suscetível de tornar-se outra, diferente de si mesma, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (idem, p.53). Trata-se, ainda a partir de Pêcheux, de realçar que toda descrição, em qualquer suporte material, está “intrinsecamente exposta ao equívoco” (ibidem).

Portanto, o analista, em meio à diferença que se marca na materialidade, vai buscar o mesmo na convergência de sentidos que constitui o processo discursivo em funcionamento, num jogo de

paráfrases que vai configurando os limites do dizível para uma determinada posição-sujeito, num processo dialético de remissão do intradiscurso ao interdiscurso⁵.

Em meu percurso pelo livro de Adichie, primeiramente seduzida pela capa, fui “livremente submetida” à inunção da leitura dos contos da autora. Uma captura simbólica muito bem sucedida. Mobilizada pelo contraste da capa, que colocou em realce a figura feminina negra, meu imaginário foi se movimentando a passos largos, mobiliza(n)do (pel)a memória: Quem são essas mulheres negras, nigerianas, igbos, hausas, africanas? Quem são essas mulheres que transitam entre a independência e a submissão de maneira tão complexa? Quem são essas mulheres cujas tradições permeiam a modernidade do dia a dia de maneira tão sensível? Quem são essas mulheres que Adichie me apresenta em seus contos?

“Quando *oga* Obiora chegar na semana que vem, a senhora discute isso com ele”, diz Amaechi com um ar resignado, colocando óleo vegetal numa panela. “Ele vai pedir para a mulher sair. Não é certo levar outra para a sua casa.” “E depois que ela sair?” “A senhora perdoa. Os homens são assim mesmo.” Nkem observa Amaechi, repara no modo como seus pés, calçados em chinelos azuis, tão firmes, estão plantados no chão. “E se eu tivesse dito que ele tem uma namorada? Não que ela se mudou para nossa casa, mas só que ele tem uma namorada.” [...]

No chuveiro, ao ensaboar as costas de Obiora, Nkem diz: “Nós temos que encontrar uma escola para Adanna e Okey em Lagos.” [...]

“Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar.” Nkem fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma. [...]

“Se é isso que você quer”, diz Obiora, após alguma hesitação. “Nós podemos conversar.”

Ela o vira de costas gentilmente e continua a ensaboá-lo. Não é preciso conversar sobre mais nada, Nkem sabe. Está decidido.” (ADICHIE, 2009, p.42-49. Do conto *Réplica*).

Mesmo se não tivesse ouvido o forte sotaque hausa da mulher, Chika saberia que ela era do norte por causa do rosto estreito e das maçãs do rosto estranhamente altas; e saberia que é muçulmana, por causa do lenço. Ele está em volta do pescoço da mulher agora, mas antes devia estar solto escondendo o rosto, cobrindo as orelhas. É um lenço preto e rosa, longo e frágil, com a beleza chamativa das coisas baratas. Chika se pergunta se a mulher a está observando também, se sabe, por sua pele clara e pelo rosário de dedo feito de prata que sua mãe insiste em obrigá-la a usar, que é igbo e cristã. [...]

A mulher começa a chorar. Ela chora baixinho, com os ombros subindo e descendo em espasmos, sem os soluços altos das mulheres que Chika conhece, do tipo que grita “Me abrace e me console porque eu não consigo lidar com isso sozinha”. O choro da mulher é privado, como se ela estivesse fazendo um ritual necessário que não envolve ninguém. [...]

Mas agora, ela se vira para a mulher e diz: “Posso ficar com seu lenço? Pode ser que minha perna volte a sangrar.” (Idem, p. 51-63. Do conto *Uma experiência privada*).

Ela se virou, pensando que era Josh, mas Tracy apareceu, curvilínea com sua legging e seu suéter justo, sorrindo, apertando os olhos, tirando longos *dreadlocks* da frente do rosto com dedos manchados de tinta. Foi um momento estranho. Elas se fitaram e, de repente, Kamara sentiu vontade de perder peso e voltar a usar maquiagem. [...] porque o que acontecera na cozinha naquela tarde fora o florescer de uma esperança extravagante, porque agora, o que movia sua vida era pensar que Tracy ia subir as escadas de novo.

Kamara colocou os filés de frango no forno. [...]

“Nós vamos morar numa casa assim um dia, em Armore também, ou em outro lugar na Main Line”, disse Tobechi.

Kamara não disse nada, porque o que lhe importava não era onde eles moravam, mas o que tinham se tornado. (Idem, p.89-92. Do conto *Na segunda-feira da semana passada*).

Quando seu turno acabou naquela noite, ele estava esperando do lado de fora, com fones enfiados nos ouvidos, pedindo que você saísse com ele porque seu nome rimava com *hakuna matata* e *O*

Rei Leão era o único filme sentimental do qual já tinha gostado na vida. Você não sabia o que era *O Rei Leão*. Olhou para ele sob a luz forte e notou que seus olhos eram da cor de azeite extra virgem, um dourado esverdeado. Azeite extra virgem era a única coisa que você amava, de verdade, nos Estados Unidos. (Idem, p.131. Do conto *No seu pescoço*).

“Não é tão simples assim.” Ukamaka sentiu-se um pouco irritada porque queria que Udenna ligasse, porque a foto ainda estava na prateleira, porque Chinedu falara aquilo como se só ele soubesse o que era melhor para ela. Só depois que eles estavam no prédio, quando Chinedu levava suas sacolas para seu apartamento e descera as escadas de novo até o dela, Ukamaka disse: “Sabe, não é mesmo tão simples quanto você pensa. Você não sabe como é ser apaixonada por um babaca.” (Idem., p.171. Do conto *O tremor*).

Relaxe instantes depois, quando ouvi os roncões baixos do meu novo marido. Eles começavam como um ribombo profundo na garganta dele e terminavam num apito agudo, um som que parecia um assovio safado. Eles não mencionam esse tipo de coisa quando arranjam seu casamento. Não mencionam roncões ofensivos ou casacos que na verdade eram apartamentos que sofriam de uma falta de móveis.” (Idem, p.181. Do conto *Os casamenteiros*).

Foi, no entanto, no verão em que você pegou piolho e você e seu primo Dozie enfiavam as mãos em seus cabelos espessos para encontrar os pequenos insetos pretos, esmagando-os contra suas unhas e rindo do estardalhaço de suas barrigas cheias de sangue explodindo; o verão em que seu ódio pelo seu irmão Nonso cresceu tanto que você podia senti-lo vazando pelas suas narinas, e em que seu amor pelo seu primo Dozie cresceu e inflou até envolver sua pele. (Idem, p.202. Do conto *Amanhã é tarde demais*).

Tudo o que queria era ver Afamefunwa antes de ir se encontrar com os ancestrais, mas Anikwenwa disse que Grace estava em

período de provas na escola e não podia vir para casa. Mas ela veio. Nwamgba ouviu sua porta ranger ao ser aberta e lá estava Afamefuna, sua neta [...]

Foi Grace quem, quando recebia prêmios da universidade, quando discursava para plateias solenes em conferências sobre os povos ijaw, ibíbio, igbo e efik do sul da Nigéria, quando escrevia relatórios para organizações internacionais sobre coisas que deviam ser óbvias para qualquer um que tivesse bom senso, mas pelas quais, mesmo assim, ela recebia remunerações generosas, imaginava sua avó observando tudo e rindo, muito divertida. Foi Grace quem, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, mas sentindo-se, sem saber explicar bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi a um cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome de Grace para Afamefuna.

Mas, naquele dia, ao se sentar ao lado da cama da avó à luz do crepúsculo, Grace não estava nem contemplando o futuro. Ela simplesmente segurou a mão da avó, com sua palma áspera de tantos anos fazendo cerâmica. (Idem, 233. Do conto *A historiadora obstinada*).

As mulheres apresentadas por Adichie em seus contos constroem um imaginário diverso, contrastante, numa grande pluralidade de gestos e emoções. São mulheres que falam *do* feminino, *da* negritude e *da* africanidade pelo cotidiano de suas vidas, um cotidiano às vezes mais, às vezes menos distante daquele que conhecemos. Um cotidiano que vai sendo narrado na alternância da (im)previsibilidade de observações as mais diversas, que parecem brincar com a prepotência de se compreender *o* feminino, *a* negritude e *a* africanidade:

Nkem observa Amaechi, repara no modo como seus pés, calçados em chinelos azuis, tão firmes, estão plantados no chão.

“E se eu tivesse dito que ele tem uma namorada? Não que ela se mudou para nossa casa, mas só que ele tem uma namorada.”

O choro da mulher é privado, como se ela estivesse fazendo um ritual necessário que não envolve ninguém.

[...] de repente, Kamara sentiu vontade de perder peso e voltar a usar maquiagem.

Kamara não disse nada, porque o que lhe importava não era onde eles moravam, mas o que tinham se tornado.

Azeite extravirgem era a única coisa que você amava, de verdade, nos Estados Unidos.

Só depois que eles estavam no prédio, quando Chinedu levara suas sacolas para seu apartamento e descera as escadas de novo até o dela, Ukamaka disse: “Sabe, não é mesmo tão simples quanto você pensa.”

Relaxe instantes depois, quando ouvi os roncões baixos do meu novo marido. Eles começavam como um ribombo profundo na garganta dele e terminavam num apito agudo, um som que parecia um assovio safado.

[...] no verão em que você pegou piolho e você e seu primo Dozie enfiavam as mãos em seus cabelos espessos para encontrar os pequenos insetos pretos, esmagando-os contra suas unhas e rindo do estardalhaço de suas barrigas cheias de sangue explodindo [...]

Mas, naquele dia, ao se sentar ao lado da cama da avó à luz do crepúsculo, Grace não estava nem contemplando o futuro. Ela simplesmente segurou a mão da avó, com sua palma áspera de tantos anos fazendo cerâmica.

Recortes de recortes que poderiam ser outros e que nos falam da alteridade, desse ‘eu’ sempre dividido que tantas vezes parece dois. As protagonistas dos contos de Adichie nos confrontam com a vida em seus detalhes, muitas vezes desconcertantes, e nos levam ao encontro da resistência presente nos processos de identificação do sujeito, que tenho insistido em nomear como “resistência simbólica” (LAGAZZI, 2013a, 2016).

Desorganizar a regência do verbo resistir me parece produtivo para diferenciar resistência de oposição⁶. Resistir é também opor-se, mas não só. Resistimos em uma determinada posição, defendendo o que nos identifica, resistimos para mudar, ainda que não saibamos qual será essa mudança. Isso significa que a resistência abre possibilidades dentro do inesperado.

Pêcheux⁷ ressaltou que a eficácia do dominador não está na coerção externa que ele exerce, mas na identificação do sujeito aos sentidos reafirmados em dominação (PÊCHEUX, 1990b). A partir

deste entendimento, me debrucei sobre o processo de identificação para melhor compreendê-lo, e foi com a retificação iniciada por Pêcheux no Anexo 3 de *Semântica e Discurso* que pude reunir os elementos que me levam a insistir sobre a dominação e a resistência deverem ser consideradas como “relações de sentido que têm lugar na cadeia significante, sendo produzidas em sujeitos constituídos na incompletude da linguagem, estruturados pela falta de um desejo fundante que nunca cessa, mobilizados em associações e derivas que se abrem para o imprevisto na história”. Com isso, “busco levar às consequências o simbólico como especificidade do sujeito”. Considero o “alhures” como “uma transgressão nas fronteiras dos sentidos, o estranho que potencializa o social e se dispõe como novo ponto de ancoragem para diferentes processos de identificação do sujeito”. “Somos sujeitos à ordem significante, demandados em um percurso histórico marcado por contradições”. É importante deixar que “os incômodos abram espaço para a escuta (d)(n)a diferença, como modo de resistir na imprevisibilidade de um efeito de ressonância que toma a dimensão de um vacilo para o sujeito, um tropeço, algo que ecoa e faz retorno”⁸, que toma a dimensão da “repetição histórica”⁹, e pode produzir um novo sentido para o sujeito. Resistir sem que isso signifique ser tomado como “subjetividade em ato” (PÊCHEUX, 1990, p.71).

Nos contos de Adichie, os sentidos estão em movimento e o inesperado vai entrecortando o estabilizado, desorganizando o previsível no que é contado e encadeado, surpreendendo, fazendo a leitura tropeçar na interpretação. As protagonistas transitam entre o estabilizado e o inesperado, mostrando a potência do que sempre pode vir a ser:

“Quando *oga* Obiora chegar na semana que vem, a senhora discute isso com ele”, diz Amaechi [...]

Nkem fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma. [...]

Ela o vira de costas gentilmente e continua a ensaboá-lo. Não é preciso conversar sobre mais nada, Nkem sabe. Está decidido.

Chika saberia que ela [...] é muçulmana por causa do lenço. Um lenço preto e rosa, longo e frágil, com a beleza chamativa das coisas baratas. [...]

Mas agora, ela se vira para a mulher e diz: “Posso ficar com seu lenço?”

[...] o que movia sua vida era pensar que Tracy ia subir as escadas de novo.

Você não sabia o que era *O Rei Leão*. Olhou para ele sob a luz forte e notou que seus olhos eram da cor de azeite extra virgem, um dourado esverdeado.

Ukamaka sentiu-se um pouco irritada porque queria que Udenna ligasse, porque a foto ainda estava na prateleira [...] “Você não sabe como é ser apaixonada por um babaca”.

Eles não mencionam esse tipo de coisa quando arranjam seu casamento. Não mencionam roncos ofensivos ou casas que na verdade eram apartamentos que sofriam de uma falta de móveis. Foi, no entanto, no verão em que você pegou piolho [...] o verão em que seu ódio pelo seu irmão Nonso cresceu tanto que você podia senti-lo vazando pelas suas narinas, e em que seu amor pelo seu primo Dozie cresceu e inflou até envolver sua pele.

Foi Grace quem, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, [...] mas sentindo-se, sem saber explicar bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi a um cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome de Grace para Afamefunu.

A narrativa vai conduzindo o leitor e produzindo um percurso no qual o encadeamento vai sendo redirecionado sem fechamentos conclusivos. Muito fica a ser dito e muitas brechas se abrem. Há respiro entre as palavras e entre as frases e os sentidos ficam potencializados em suas possibilidades de deriva. Direi que há um constrangimento sobre o “logicamente estabilizado”, sobre o qual Pêcheux (1990a) afirma:

Nesses espaços discursivos (que mais acima designamos como “logicamente estabilizados”) supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo [...] (PÊCHEUX, 1990a, p.31).

Não é o que caracteriza a narrativa de Adichie. Sua escrita vai abrindo espaço para o equívoco, para que a contradição constitutiva da memória discursiva faça trabalhar a alteridade na produção da interpretação, insistindo sobre o “discurso-outro como espaço virtual de leitura” (PÊCHEUX, 1990a, p.55), impedindo que a unicidade sobredetermine a equivocidade. Adichie pluraliza as imagens e vai produzindo estranhamento, encurralando as vozes que se manifestam pela dominação. Importa que continuemos a perguntar: Quando falamos de negritude, africanidade e feminino, do que falamos? Importa que Ujunwa possa perguntar a Edward: Que África?

No seu pescoço é um livro que incomoda porque não se fecha em uma interpretação, não produz o efeito de completude em suas narrativas. A autora nos confronta com a existência em dramas e conflitos que não poupam suas protagonistas e tampouco nos poupam como leitores. A vida não se mostra em qualquer “descrição adequada”. É um livro que, em meio às contradições que vão se projetando, insiste, por exemplo, sobre o equívoco de se “ganhar a loteria do visto americano” (ADICHIE, 2009, p.125). É um livro de contrastes em realce, em que o amarelo da capa continua ressoando nas histórias contadas por Adichie.

4. Em movimento

Michel Pêcheux, em *AAD-69*, propôs “realizar as condições de uma prática de leitura enquanto detecção sistemática dos sintomas representativos dos efeitos de sentido no interior da superfície discursiva” (PÊCHEUX, 1990, p.148), apresentando gestos teórico-analíticos fundadores, em forte contraposição ao conteudismo subjetivista. Investindo no conceito de língua, trazido de Saussure, Pêcheux elaborou tanto o conceito de ‘efeito metafórico’ quanto o de ‘enunciado’, e investindo no conceito de condições de produção na relação com os protagonistas do discurso, Pêcheux chegou às ‘formações imaginárias’ e à ‘antecipação’, o que fez ruir o esquema comunicacional pela discrepância entre a situação e a representação dessa situação.

Pêcheux buscava uma análise materialista, que foi se delineando cada vez com mais consequência e cujo ponto essencial “é colocar a independência do mundo exterior [...] em relação ao sujeito e

simultaneamente a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior [...]” (PÊCHEUX, 1988, p.76). Portanto, uma proposta de “leitura não subjetiva da subjetividade” (idem, p.60), na qual a constituição do sujeito pela interpelação ideológica, a partir de Althusser, foi um dos grandes investimentos. Uma proposta de leitura que me ensinou a buscar na relação entre os elementos os pontos de ancoragem analítica.

Entendo que o caráter relacional dá consequência à filiação materialista, permitindo um olhar de conjunto, que acolhe a história em suas determinações sobre a produção dos sentidos. Minha aposta foi investir nessa prática de relações a_ em diferentes materiais concernidos com o trabalho do político no social, como modo de compreender a resistência do sujeito em sua espessura simbólica. Cheguei, assim, à análise de documentários e filmes e às noções de ‘composição material’ e ‘imbricação material’, aqui apresentadas, e que têm trazido alguns desdobramentos analíticos interessantes.

As diferenças entre os modos da formulação têm me capturado por efeitos vários, num processo de sensibilização material. A análise aqui apresentada, do livro *No seu pescoço*, é um exemplo dessa captura pelo inesperado do confronto com a materialidade. Uma captura do sujeito pelo simbólico transitando nas diferentes bases materiais que dão suporte à produção dos sentidos. No desvio do olhar, as possibilidades derivam e outros sentidos fazem paragem.

Bibliografia

ADICHIE, C. N. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, C. N. (2009). *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras.

DUCROT, O; TODOROV, T. (1982). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

GADET, F; HAK, T. (1990). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.

LAGAZZI, S. (1998). *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. Tese de Doutorado. Unicamp, IEL, PPGL.

LAGAZZI, S. (2009). “O recorte significativo na memória”. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. In: *O Discurso na*

- Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras. F. Indursky, M. C. L. Ferreira; S. Mittmann (orgs.). São Carlos: Claraluz, p.67-78.
- LAGAZZI, S. (2013a). “Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3”. In: Estudos do Texto e do Discurso. O discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau, Pêcheux. S. Lagazzi, E. C. Romualdo, I. Tasso (orgs.). São Carlos: Pedro & João, p.311-331.
- LAGAZZI, S. (2013b). A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. REDISCO V.2., n.1, jan./jun. Vitória da Conquista: Edições UESB, p.104-110.
- LAGAZZI, S. (2014a). “Metaforizações metonímicas do social”. In: Linguagem, sociedade, políticas. ORLANDI, E. (org.). Pouse Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, p.105-112.
- LAGAZZI, S. (2014b). Um lugar à margem, quase invisível! *Linguas e Instrumentos Linguísticos*. n. 34. Campinas: Pontes, p.133-156.
- LAGAZZI, S. (2015). “Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da Memória e do Equívoco”. In: *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Flores, G. B., Neckel, N. R. M., Gallo, S. L. (orgs.). Campinas: Pontes, p.177-189.
- LAGAZZI, S. (2016). Resistência simbólica: a identificação em diferentes regências. VII SIMPÓSIO GTDIS – Grupo de Teorias do Discurso. Laboratório de Arquivos do Sujeito – LAS, UFF.
- LAGAZZI, S. (2017). “Trajetos do sujeito na composição filmica”. In: *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia – volume 3*. Flores, G., Gallo, S., Lagazzi, S., Neckel, N., Pfeiffer, C., Zoppi-Fontana, M. (orgs.). Campinas: Pontes, p.23-39.
- MILNER, J-C. (2012). O amor da língua. Campinas: Editora da Unicamp.
- ORLANDI, E. P. (1984). Segmentar ou recortar? *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba.
- ORLANDI, E. P. (1995). Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas, n. 1, p. 35-47.
- ORLANDI, E. P. (1999). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (2001). *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1988) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.

- PÊCHEUX, M. (1990a). O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes
- PÊCHEUX, M. (1990b) Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, n. 19, jul./dez. p. 7-24.
- PÊCHEUX, M. (1999). Papel da memória. In: Papel da memória. P. Achard [et al.]; Trad.: José Horta Nunes. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (2004) A língua inatingível. Campinas: Pontes.

Palavras-chave: Análise do Discurso, materialidade, resistência, alteridade, Michel Pêcheux.

Keywords: Discourse Analysis, materiality, resistance, alterity, Michel Pêcheux.

Notas

* Professora Colaboradora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Integrante do Centro de Pesquisa PoEHMaS - Política, Enunciação, História, Materialidades, Sexualidades - do IEL/Unicamp. Líder dos Grupos de Pesquisa no CNPq: “O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes e tecnologias de linguagem” e “Linguagem e Cinema: o gesto em foco”.

¹ Cf. Michel Pêcheux (1990a, p.53).

² Capa e ilustração de Claudia Espínola de Carvalho.

³ A alíngua excede a língua, nos mostra Milner (2012). “[...] é, em toda língua, o registro que a fada ao equívoco” (idem, p.21); “[...] é também o conjunto virtual de dizeres de desejo” (idem, p.100).

⁴ Cf. Lagazzi (2015) e Lagazzi (2017), textos que apresentam essa trajetória de análises e elaborações teóricas.

⁵ Tanto a “deslinearização da imagem” quanto a “remissão do intradiscurso ao interdiscurso” são procedimentos que elaborei a partir do fotograma de *Boca de Lixo*, de Eduardo Coutinho, que apresenta os catadores com o corpo fletido em meio ao lixo (LAGAZZI, 2013b, 2014a, 2015).

⁶ Trabalhei este jogo na regência do verbo resistir em minha tese de doutorado (LAGAZZI, 1998).

⁷ Delimitações, Inversões, Deslocamentos (PÊCHEUX,1990b) e o Anexo 3 de *Semântica e Discurso* – Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês (PÊCHEUX, 1988) são dois textos que me deram importantes subsídios para a reflexão sobre a resistência.

⁸ Essas elaborações sobre a “resistência simbólica” foram apresentadas no VII-GTDIS, realizado na UFF em dezembro de 2016, sob a coordenação de Bethania Mariani.

⁹ Sobre a repetição histórica vide Orlandi (2001).